

O MAL: TERMINOLOGIA E DEFINIÇÕES

Sélcio de Souza Silva

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Resumo: Buscar-se-á, nesse ensaio, desenvolver alguns conceitos relativos ao mal, sua terminologia e definições. Na trajetória humana, o mal, a partir da influência da tradição religiosa judaica, com a literatura vetero-testamentária, ganhará, *pari passu*, novas roupagens até adquirir, no Novo Testamento, personificação. Para tanto, apresentaremos algumas definições de autores, tais como From (2003), Ricouer (1988) e Sanford (1988), os quais nortearão nossa discussão e futuras pesquisas nessa temática.

Palavras-chave: Mal. Personificação. Terminologia. Definições

Abstract: Search will be in this essay to develop some concepts about evil, his terminology and definitions. In human trajectory the evil, from the influence of the Jewish religious tradition, with the literature of the Old Testament, win, *pari passu*, new clothes up personified until they embody the New Testament. To this end, the authors present some definitions, such as From (2003), Ricouer (1988) and Sanford (1988), which will guide our discussion and futures researches on this subject.

Keywords: Evil. Personification. Terminology. Definitions

Introdução

Buscaremos neste ensaio, fazer um resgate da terminologia do mal, a partir de algumas definições de diferentes autores. Na trajetória humana, o mal, a partir da influência da tradição religiosa judaica, com a literatura vetero-testamentária, ganhará, *pari passu*, novas roupagens até adquirir, no Novo Testamento, personificação. Para tanto, apresentaremos algumas definições de autores, tais como From (2003), Ricouer (1988) e Sanford (1988), os quais nortearão nossa discussão acerca do mal e futuras pesquisas nessa temática.

Terminologia

No decorrer dos tempos, os termos mal, mau e maldade foram apresentados, a depender da cultura religiosa, sob várias formas. Em algumas culturas, simplesmente não há a existência do mal. No mundo ocidental, marcado pela cultura judaico-cristã, esses termos são representados pelos vocábulos gregos *kakos* e *ponēros*, usados no Novo Testamento para expressar as falhas ou a inferioridade de uma coisa e o caráter eticamente negativo e religiosamente destrutivo de uma pessoa ou pensamento (COENEN; COLIN, 2000, 1235-36).

No Novo Testamento, o termo *kakos* é utilizado 50 vezes e *ponēros* 78 vezes para a personificação do mal no diabo e nos homens. O termo *kakos* já fora utilizado por Homero quando como contraste com *agathos*,

significando mau contrário a bom. Entre os pitagoreanos, o mal era visto como princípio metafísico, enquanto que para Demócrito, Sócrates e Platão, a ignorância do homem é a fonte de todo o mal, da ruína e da corrupção. Para Plotino, o mal é considerado como a falta de luz ou de conhecimento e, em Agostinho, o mal é a ausência do bem.

No Antigo Testamento, o termo *kakos* é empregado na Septuaginta para designar *ra* e *rā ab* e ocorre 227 vezes. O mal designa inúmeras significações, a exemplo de: a) O mal que lesa a existência da pessoa (*kakos* é visto como castigo divino, conseqüência do pecado, e somente o próprio Javé quem pode tirá-lo), b) O mal é aspecto do comportamento moral, ou seja, ele não é abstrato, mas concreto (Sl 8, 3; Jr 7, 24). Deus é o autor dos dois espíritos: o bom (luz) e o mal (trevas – Belial). Esse dualismo luz-trevas, verdade-maldade se aproxima dos ensinamentos de Jesus (Mc 3, 22-30), cuja narrativa evangélica divide o Reino de Deus e de Satanás.

Nos escritos cristãos, *kakos* assume, pois o significado de maligno, mau, destruidor, injusto, configurando 50 vezes no Novo Testamento, apresentando-se 26 vezes somente nos escritos paulinos. O termo *akakós* (inculpável) refere-se a Cristo, cuja pessoa não havia maldade, embora se torna mais frequente os termos *ponēros* e *harmatia* para designar o pecado, a fim de expressar o mal e a culpa pessoal. Todavia, o mal é tratado no Novo Testamento como produto dos próprios sentimentos humanos, inferiores ao bem e, por isso, não originários de Deus:

Pois do interior do coração dos homens que vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem “impuro” (BÍBLIA SAGRADA - NVI, 2000, p. 804).

Em contrapartida, o mal só poderá ser vencido através do arrependimento, uma vez que se trata de um justo castigo de Deus e cabe ao homem derrotá-lo pela experiência salvífica com o Cristo ou com Deus. Esse mal, seja ele em seu sentido físico ou moral, é, pois, praticado contra a própria vontade humana porque está na sua essência e só será extinto pela força sobrenatural divina contra a força sobrenatural demoníaca, personificada na pessoa do diabo. “Acreditava-se que demônios e espíritos eram responsáveis por todos os males físicos e moral (o pecado). A enfermidade física teria sido a punição pelo pecado, embora se pensasse que fosse satã a levar os seres humanos a pecar” (SCHIAVO; SILVA, 2000, p. 71).

Algumas definições

Essas concepções ganham sentido social, quando se atribui ao homem social a responsabilidade pelas suas más ações em detrimento do outro, do seu semelhante. A sociedade é má porque, nela, o ser humano é inclinado para o mal, isto é, às tendências más que existem nele, pois é

“dotado de ‘ideias malignas’” (FROMM, 2005, p. 231-33). Segundo esse autor,

Se for verdade que o “impulso ao mal” somente é possível depois do homem emergir da unidade original com a natureza e adquirir consciência e imaginação, isto significa que apenas o homem tem capacidade de pecar, de regredir e de perder-se. Na visão judaica, o homem nasce com a capacidade de pecar, mas pode voltar encontrar a si mesmo e redimir-se por intermédio de seu próprio esforço sem um ato da graça divina. O Talmude resume este ponto de vista da seguinte forma: “Se Deus criou a inclinação para o mal, ele também criou a Torá como seu antídoto [luz, sabor] (FROMM, 2005, p. 235).

Desde a discussão dos primeiros padres da Igreja primitiva, o problema do mal, no que diz respeito a sua origem e definição, não está totalmente resolvido, embora saibamos que, historicamente, o cristianismo nunca o ignorou. Essas discussões e debates muito fomentaram os grandes pensadores do cristianismo primitivo, a exemplo de Orígenes, Gregório de Nissa e Irineu, grandes representantes do Oriente e, no Ocidente, Agostinho e Gregório Magno, considerados grandes mestres.

Ricoeur (1988), em um dos seus trabalhos, trata do mal como um desafio à teologia e à filosofia. Esse autor percorre pelo caminho hermenêutico na tentativa de dar uma explicação para a simbólica do mal e a sua interpretação. A partir de uma perspectiva histórica, o autor busca desenvolver seu trabalho, cuja análise busca “superar” a contradição entre a existência de Deus e a existência do mal, origem do sofrimento, da dor e da morte. O mal, para este autor, não deixa de ser um problema ao ser humano, principalmente quando é visto, na lógica do paradoxo, como um lado demoníaco de Deus: *Demon est deus inversus?* Em suma, segundo o pensamento de Ricoeur (1988), o mal moral é um sofrimento infligido no ser humano. A experiência do mal, a partir do sofrimento, pode causar no ser humano a lamentação:

Daí a surpreendente variedade de suas causas: adversidade de natureza física, doenças e enfermidades do corpo e do espírito, aflição produzida pela morte de entes queridos, perspectiva assustadora de mortalidade própria, sentimento de indignidade pessoal, etc. (RICOEUR, 1988, p. 24).

Os primeiros pensadores cristãos, baseados nas teorias da reconciliação, compreendendo a teoria do resgate e a teoria da vitória, mostram-nos algumas explicações sobre a temática do mal e do seu poder limitado, diante da cruz de Cristo, vencedora do poder do mal. Segundo a interpretação da teoria do resgate, “satã e sua legião de demônios eram poderes reais e a ajuda sobrenatural era considerada essencial para que a humanidade não fosse destruída por eles” (SANFORD, 1988, 163-64).

Se, desde o antigo testamento, atribuiu-se a origem do mal como procedente de Deus, não fora mais possível, no decorrer dos tempos, afirmar, teologicamente, que, tanto o mal quanto o bem, estavam, de certa forma, em Deus. O pensamento do homem evoluiu e, juntamente,

com outras assertivas de tentativas de explicação do mal, percebeu-se que essas contradições, ao menos para os pensadores cristãos, eram paradoxais. A preocupação primeva desses religiosos era a de explicar e, para isso, defender a ideia de que a origem do mal não está em Deus, mas no homem. Em outras palavras, buscou-se, portanto, “absolver Deus de qualquer responsabilidade pelo mal” (SANFORD, 1988, p. 166).

Colocar, no homem, simplesmente a responsabilidade pela criação do mal não era suficiente para explicar a existência de outros males, tais como os naturais, as doenças, os terremotos e outros tipos de calamidades originadas da natureza e não, propriamente, de uma escolha moral do homem. Segundo Origines (apud SANFORD, 1988), Deus havia permitido o mal para que a alma humana pudesse desenvolver-se e, para que isso acontecesse, era preciso que ela travasse uma luta contra o mal. Seguindo esse raciocínio, até mesmo o diabo, sendo parte do plano de Deus, seria também salvo no tempo escatológico.

Para Clemente (apud SANFORD, 1988, p. 168), Deus tem duas mãos capazes de fazer o bem (mão direita) e fazer o mal (mão esquerda), correspondente aos dois lados de Deus, isto é, o reino do céu e o reino da terra. Esse pensador cristão cita Deuteronômio, capítulo 32, versículo 39, mostrando que Deus é capaz de matar e fazer viver e, ainda, tornar a curar. Assim, a mão esquerda torna-se a maligna, isto é, a mão má de onde procede o mal.

Segundo Sanford (1988), a atitude cristã, na explicação do mal, “recusou aceitar o lado sombrio da personalidade, rejeitando o lado obscuro do si-mesmo”, desenvolvido a partir da psicologia de Jung (p. 194). Este autor apresenta-nos as ideias de Jung, cuja ideia principal é de que a quaternidade¹ seja uma representação simbólica de Deus, contraditória ao pensamento cristão acerca do mal.

A partir de uma revisão das objeções de Jung contra a *privatio boni* de Agostinho, Sanford (1988) demonstrar que Jung “está muito próximo ao pensamento cristão original no que diz respeito ao mal” (SANFORD, 1988, p. 191). A acusação é de que a *privatio boni* e outros pensadores cristãos não deram a atenção devida ao relacionamento de Deus com o mal. Por outro lado, apresenta alguns autores, a exemplo de Philp que refuta a ideia de Jung de que Deus contém o bem e o mal em si-mesmo, e Anderson que busca mostrar que a “doutrina” *privatio boni* não nega a realidade do mal.

O mal, para Jung, “somente poderá ser superado pela virtude do poder superior de Deus. A natureza humana permanece vulnerável demais às influências do mal, e Jung está correto quando diz que não deveríamos ser muito otimistas nesse aspecto” (SANFORD, 1988, p. 192). Esse pensamento vem de encontro com o pensamento da *privatio boni*, que, segundo Sanford, permanece metafísica, pois “ela não conflita com os fatos empíricos” (SANFORD, 1988, p. 188).

Anderson (apud SANFORD, p. 179) faz uma analogia da doença e da saúde, a fim de confrontar o pensamento de Jung. Essa analogia procura

não só a explicação para o mal, mas também mostrar que a doença também é uma personificação do mal e ela deve, portanto, ser “expulsa” do corpo humano. A analogia de Anderson (apud SANFORD, 1988, p. 179) nos possibilita uma melhor compreensão do pensamento do mal perpassado na simbologia imaginária do povo cristão que perdurou durante séculos e que ainda é tão forte em nosso meio. A doença é considerada um mal, uma “diminuição” ou “privação” da saúde. A doença, por si só, não pode existir, embora isso não venha a negar a sua existência, uma vez que nem todas as pessoas são “perfeitamente” saudáveis, pois se assim fora, não existiria certamente as doenças. A hipótese de Sanford é de que

Se uma doença consegue destruir completamente um organismo saudável, essa doença também deixa de existir. Por exemplo, se uma pessoa sucumbe a uma doença como a cólera, e uma vez que a saúde do corpo daquela pessoa foi totalmente destruída, a doença da cólera deixa de existir, pois como pode haver uma doença exceto num meio relativamente saudável? A bactéria da cólera continuaria a existir, mas não seria considerada doença até que fosse ativada num corpo saudável. Até destruir um organismo ela seria inofensiva (SANFORD, 1988, p. 179-80).

Sanford (1988) encerra seu livro afirmando que, no estudo da ontologia do mal, o problema do mal não pode ser solucionado tanto no plano intelectual quanto no emocional. Segundo sua visão, “o mal pode ser necessário para fazer emergir a totalidade [...]” e que ele “somente poderá ser superado pela virtude do poder superior de Deus. A natureza humana permanece vulnerável demais às influências do mal, e Jung está correto quando diz que não deveríamos ser muito otimistas nesse aspecto”, uma vez que, na vida do ser humano, “há certa proteção contra o mal, e quando o centro da personalidade é estabelecido, tal indivíduo é amparado por uma força sobre-humana para resistir e superar os poderes do mal”. Em suma, “o que deprecia ou destrói a totalidade chamamos de mal, e aquilo que sustenta, impulsiona ou mantém a totalidade chamamos de bem” (SANFORD, 1988, p. 178-192).

Considerações finais

A partir dessa relação e definições entre bem e mal, deparamo-nos diante de uma série de questionamentos, tais como: quais funções sociais o mal exerce? É possível identificar, a partir dessa relação entre a experiência negativa vivida pela maioria das pessoas e a resolução desse estado de anomia, a quem se atribui o “mal” experimentado e a quem coube ou cabe a resolução desse mal? A sociedade, a si mesmo ou a Deus? Quem realmente é o mal? A sociedade, o homem ou, conforme a experiência religiosa, uma entidade superior capaz de causar situações anômicas na trajetória humana?

Na busca dessas, entre outras respostas, propomo-nos, buscar num futuro trabalho de campo, compreender se, realmente, o mal, nos dias atuais, é personalizado. E se sendo, como se apresenta na sociedade atual

e quais são, portanto, suas possíveis identificações.

Nota

¹ A divindade cristã é uma em três pessoas. Dentro do drama celeste a quarta pessoa é indubitavelmente o diabo. Na versão psicológica mais inofensiva ele é meramente a função inferior (Ver Sanford, 1988, p. 176).

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- COENEN, Lothar; COLIN, Brown. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1235-1242.
- CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- RICOUER, Paul. **O mal: um desafio à filosofia e à teologia**. Campinas: Papyrus, 1988.
- SANFORD, J. A. **Mal: o lado sombrio da realidade**. São Paulo: Paulus, 1988, p. 152-194.
- SCHIAVO, Luís; SILVA, Valmor da. **Jesus: milagreiro e exorcista**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- TERRIN, Aldo Natale. **O sagrado off limits. A experiência religiosa e suas expressões**. Trad. Euclides Balancin. São Paulo: edições Loyola, 1998.

Recebido em aprovado em outubro de 2011.